ANO 11.º — Sexta-feira, 15 de Março de 1918 — Numero 515

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A epidemia do tifo

—(*)—

Não sabemos porque motivos foi este concelho incluido na zona suja, isto é, na zona já atingida e infeccionada pela terrivel epidemia do tifo exantematico, quando é certo que até hoje aquele mal não se manifestou entre nós ou, que nos conste, em qualquer parte que esteja dentro dos seus limites.

Longe vá o agoiro.

Resulta, porêm, do facto, que a realisar-se a proxima feira, toda a gente que a ela concorra, ou venha dos pontos mais duramente atacados ou donde quer que seja, é naturalmente isenta de toda a fiscalisação medica e, portanto, póde partir e chegar, atacada da epidemia que ninguem aparecerá a pedir-lhe contas ou a submete-la ao mais insignificante encomodo.

A questão está neste pé, e como tal, não se poderá dizer que esteja de todo mal...

A Junta de Saúde local, que reuniu na passada segunda-feira, acordou em pedir á Inspecção Geral de Saúde que fossemos colocados fóra da zona suja, para poder assim aplicar a fiscalisação sanitaria ás pessoas que chegarem de proveniencia infeccionada ou suspeita. Mais nos informam que perguntou tambem se poderia ou não ter logar a proxima feira, mas não nos dizem se, nas entrelinhas da consulta, ia bem claro ou menos claro o parecer da junta, e assim não podemos informar os leitores se a questão—de que não havia nenhuma necessidade disso—foi singela e claramente posta ou não.

Em tal consulta só vimos o emprego dum expediente que não prima pela originalidade: atirar para cima dos outros com a responsabilidade de qualquer consequencia tragicamente funesta para todos nós—a importação do tifo a troco da realisação do *grande mercado* de... bazares de tres vintens.

Como se para resolver um assunto, exclusivamente da nossa jurisdição, tenhamos de pedir a outros que o resolvam e determinem!

Mas—e aqui cabe explanar este ponto que tem dado engulhos a quantos acima de tudo colocam os seus interesses, ainda que argamassados com o luto, a miseria e a dôr alheias—não nos move o mais insignificante proposito contra a realisação da feira, a não ser, neste periodo, o perigo terrivel que ela acarreta. Argumentar-se que todos os dias vem pessoas e fazendas dos pontos atingidos, não colhe, porque essas pessoas, salvo raras excepções, estão horas no Porto, recolhem a suas casas e aí, ao primeiro encomodo, denunciar-se-iam. Mas o negociante, o homem do comercio, o qual morre jungido, de olho fito no lucro, que aí venha, hade estar, se assim vier, cheio do mal, que espalhará no contacto de todos os dias, sem dizer palavra!

Pois não estão sempre a partirem do Porto, nessas condições, aparentando, todavia, um seguro estado saudavel quando se acham já tão atacados do mal que falecem horas depois da chegada ao respectivo destino?

Não virão para aí quantidades imensas de fatos feitos, roupas porcas, cobertores, scenarios vários e quejandas porcarias para palhaçadas, etc., etc., etc.?

Tem todos estes variados veiculos do mal comparação no perigo que oferecem com aquele que póde resultar duma ou outra pessoa que vá ao Porto e traga consigo um pacote com qualquer coisa?

Não tem nem póde ter. O bom senso teria, sem mais preambulos e ha muito, decidido o caso, adiando o *notavel* mercado.

Contudo, fazemos sinceros votos para que não chegue o momento tragico em que tenhamos de perguntar: e agora?

Quem responde por o que se vai dar?

* * *

Os jornais de Lisboa dão curso á deliberação tomada pelo govêrno, a qual, por motivo da epidemia no norte, e como medida de higiene, proíbe a feira que devia realisar-se nesta cidade, no proximo dia 25.

Não ha duvida que tal resolução deveria ter sido tomada depois de ouvidas as estações competentes, e não poderia ser outra, especialmente quando estas estão informadas do desenvolvimento assustador da epidemia no Porto, a tal ponto que já não havendo logares nos hospitaes para todos os atacados, estes ficam nas suas residencias, o que agrava de uma maneira assustadora a situação já de si perigosissima.

A imprensa portuense é unanime em pedir a adopção de medidas capazes de combater, com vantagem, o desenvolvimento verdadeiramente aterrador da epidemia que as actuaes circunstancias desgraçadamente favorecem.

Estâmos em minoria

—(*)—

Ora vejam os nossos leitores a farturinha de partidos que ha aqui, paredes meias, entre os nossos visinhos e *hermanos*:

Madrid, 10.—Decorreram sem incidentes as eleições para senadores, que déram o seguinte resultado: 41 democratas, 43 conservadores, 14 albistas, 13 romanonistas, 8 regionalistas, 6 ciervistas, 5 liberaes independentes, 6 mauristas, 6 jaimistas, 6 gassetistas, 2 independentes, 2 intregristas, 3 nacionalistas, 2 conservadores independentes, 2 republicanos e 10 católicos—*S.*

Entre nós apenas ha—*democraticos, monarquistas, evolucionistas, camachistas, centristas, integralistas, sindicalistas, socialistas e anarquistas.*

Como se vê ainda juntando os tres... dentistas que cá temos, ficamos numa notavel minoria.

Sempre grande—*la España!*...

Films...

Bélo!

Num hotel de Lisboa realizou-se ha dias um banquete comemorativo do primeiro aniversário do jornal *A Monarquia*, orgão dos integralistas luzitanos. Presidiu o sr. Aires de Ornelas, logar tenente do fugitivo da Ericeira, e no final todos os assistentes, entre os quais se viam vários oficiaes do exercito e alunos das escolas de Guerra, Naval e dos Oficiais Milicianos, ergueram vivas á monarquia, ao ex-rei D. Manuel, etc.

Não se diga que em Portugal deixou de haver liberdade. Ela existe. Quando mais não seja, para os adeptos do regimen deposto é um facto.

Se nós lhes estâmos atualmente nas mãos...

Duas especies

Talassas e *talassinhas* são, para o *Liberal*, duas especies de monarquicos que é preciso distinguir.

Talassa é a gente sã, rija e de caracter, que o clero, a nobrêsa e o povo deram como contingente á causa. Esses talassas, continúa, *sabem onde teem a cara e os outros nem onde teem a cara nem o rosto.*

A seguir traça o perfil do *talassinha*:

> Para o *talassinha* a ideia de monarquia cifra-se no Rocio, na Rua do Ouro e no Chiado com muitas bandeirinhas azues e brancas a dar que dar, muitos soldados em alas e de armas apresentadas, muita gente de nariz no ar e ele, o *talassinha*, muito cheio de si, de cocosinho no ar aos vivas *ao nosso querido Reisinho.*

E acaba por dizer aos *talassinhas*:

> Meus meninos: a monarquia que hade vir mas não é para gosos nem para macacos.

Vâmos então ter uma monarquia toda mistica, hein?!

Para os *macacos* serem excluídos...

600 mortos

Segundo uma estatistica que o jornalista inglez, Ioung, ha pouco levou de Lisboa para o seu país, o numero de mortos em virtude da ultima revolução portuguêsa, disseram-lhe, foi de 600.

Pavoroso!

600 vitimas, em tres dias, numa luta de portuguêses contra portuguêses, de irmãos contra irmãos, tantos quantos até 31 de dezembro se registaram no sector que mantemos junto das forças aliadas, em França, sômos obrigados a confessar que nos sentimos confrangidos, esmagados, ante tão honrosa hecatombe.

600 mortos!

Haverá ainda quem pense em nova revolução?

A CRISE

Não houve, ao que parece, dificuldade em resolve-la por parte do sr. Sidonio Pais, que continua o revelar-se duma actividade invulgar no desempenho do alto cargo em que se acha investido depois da vitória do Parque Eduardo VII.

Assim, temos para o segundo trimestre da *nova* Republica, o seguinte govêrno:

Presidencia, guerra e estrangeiros—Sidonio Pais.

Interior—Henrique Forbes Bessa.

Justiça—Martinho Nobre de Mélo.

Finanças—Xavier Esteves.

Comercio—Manuel Pinto Osorio.

Colonias—Tamagnini Barbosa.

Instrução—Alfredo de Magalhães.

Trabalho—Capitão Feliciano da Costa.

Marinha—José Carlos da Maia.

Agricultura—Eduardo Fernandes de Oliveira.

Subsistencias e transportes—Machado Santos.

Os dois ultimos ministerios, creados para preencherem uma lacuna, segundo a opinião de determinados politicos, fizeram com que fosse aumentado o numero de estadistas e além disso com que o sr. Machado Santos voltsse ao seio do ministerio onde os seus partidarios o desejam vêr, assim como nós, que entendemos que é a unica fórma de ele, e muitos outros, darem o que teem, administrativamente falando.

Pois porque não?

UM CONVITE

—(*)—

Pelo *Gremio Republicano 8 de Dezembro*, do Porto, que o nomeou, sem ser ouvido, seu representante nesta cidade, foi ultimamente solicitado a aceitar a presidencia do nucleo de Aveiro, cargo que declinou por se considerar mais ou menos afastado da actividade poltiica, o director deste jornal, sr. Arnaldo Ribeiro.

A sintese da orientação do Gremio é—*nem monarquia, nem demagogia!*—e dele pódem fazer parte elementos de todos os partidos republicanos, sob a condição *expressa e categorica* de que, uma vez filiados, não lhes será permitido, seja em que condições fôr, fazerem dentro dele politica partidaria.

Além disso, o *Gremio 8 de Dezembro* propõe-se efectivar, pela conjunção dos bons elementos republicanos, que a tal fim estejam dispostos, o imprescindivel apoio ao govêrno Sidonio Pais-Machado Santos, enquanto o mesmo encarnar a moral republicana apregoada em tempos idos e garantir a todos os portuguêses, seja qual fôr o seu credo politico ou a sua crença religiosa, o usofruto das liberdades constitucionaes.

Como se vê, está dentro dos sãos principios, que oxalá possa manter, contribuindo quanto em suas forças caiba para elevar o prestigio das instituições.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*

O JOGO

—(*)—

Se está autorisado não está ainda devidamente regulado e por isso vimos pedir ao sr. Comissario de policia se digne providenciar de fórma a pôr côbro á jogatina estabelecida em vários antros de tavolagem.

Lá não entram só quantos terão o tristissimo direito de deixar a familia sem pão—entram creanças, entra tudo, arrastados na ilusão de lucros que a realidade duramente desmente, mas que apesar da prova a alucinação não deixa medir.

São já do nosso conhecimento factos pavorosos passados em muitos lares. Ha creanças de diversas categorias sociais, transformadas em gatunos de tudo que de casa possam levar e reduzir a dinheiro! As casas de penhores regorgitam e as portas que dão passagem para o interior desses abismos, continuam de par em par, abertas para dali saír depois tanta desgraça, tanto infortunio e tanta miseria.

Solicitâmos com todo o empenho a atenção da autoridade para este ponto, que é digno de ponderação.

UFF!...

O *Bébes* atirou á puclicidade com terceira epistola ao seu amigo Jaime Silva, ainda a proposito da demissão do Tiburcio de oficial de diligencias e nomeação do Moeda. Mas declara ser a ultima.

Ainda bem. Que isto de obrigar uma pessoa a lêr asneiras sem tomar fôlego, cança.

Ai não.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

"O Democrata,,

Distinguiram-nos mais com as cativantes referencias, que transcrevemos, a proposito do nosso aniversario, os seguintes confrades:

De *O Despertar*, de Coimbra:

"O Democrata,,

Entrou no 11.º ano de publicação, o nosso colêga *O Democrata*, que se publica na cidade de Aveiro.

Ao seu director e nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro, endereçâmos os nossos sincéros parabens.

Do *Correio de Vagos*:

"Pela imprensa,,

Entrou no 11.º ano de publicação o nosso colêga *O Democrata*, semanário republicano radical de Aveiro.

Felicitâmo-lo e desejâmos-lhe a continuação das suas prosperidades.

De *O Povo de Anadia*:

"O Democrata,,

Mais um ano de existencia conta este intemerato colêga que se publica em Aveiro sob a direcção do nosso presado amigo e velho republicano, Arnaldo Ribeiro.

Um apertado abraço de felicitações ao amigo Arnaldo.

De *Os Sucessos*, do Corgo Comum:

"O Democrata,,

Este bem redigido e incansavel propugnador da democracia, cuja direcção está a cargo do intemerato jornalista, sr. Arnaldo Ribeiro, acaba de entrar no seu 11.º ano.

O Democrata tem sofrido alguns revezes na rota da sua existencia, mas sempre altivo e orgulhoso vem defendendo o seu ideal republicano, atravez de todas as perseguições e vexames porque aquele partido tem passado. Este semanário, firmado no partido a que acima aludimos, não lhe tem poupado os erros e más orientações que tem tomado, pois tem bradado num unisono dever imparcial para se pôr cobro a tão calamitosas situações, porque tem passado o seu numeroso partido.

Com intensos votos pelas suas prosperidades, daqui lhe enviâmos as nossas saudações, desejando-lhe larga existencia e muitas felicidades.

Do *Jornal de Leiria*:

"O Democrata,,

Entrou no 11.º ano de publicação este nosso presado colega, semanário republicano radical de Aveiro, a quem felicitâmos e desejamos muitas prosperidades.

Da *Gazeta de Arouca*:

"O Democrata,,

Encetou ultimamente o 11.º ano de publicação este nosso esclarecido confrade, semanário republicano radical de Aveiro.

Excelentemente dirigido pelo ilustre farmaceutico sr. Arnaldo Ribeiro, *O Democrata* é um dos colégas que mais intemerata e vigorosamente tem lutado pelo prestigio das instituições.

As nossas saudações ao brilhante colega, acompanhadas do desejo das prosperidades a que tem jus.

De *A Patria*, de Ovar:

"O Democrata,,

Entrou no 11.º ano de publicação este nosso presado colega aveirense que intemeratamente tem pugnado pelo prestigio da Republica, depois de uma acesa luta ao regimen deposto em 5 de outubro.

Felicitâmo-lo cordealmente.

Do *Correio da Feira*:

"O Democrata,,

Passou ha pouco por mais um ano de vida na imprensa, este nosso presado colega, destemido e intransigente semanário que, sob a habil direcção do sr. Arnaldo Ribeiro, vê a luz da publicidade ha 11 anos em Aveiro.

Cordealmente o felicitâmos.

Do *Concelho de Albergaria*:

"O Democrata,,

Entrou no 11.º ano de publicidade este nosso ilustre colega que se publica em Aveiro.

Ao seu distinto director sr. Arnaldo Ribeiro apresentamos os nossos cumprimentos e desejamos ao *Democrata* muitas prosperidades e longa vida.

BATATA

Lêmos no importante jornal alfacinha *Diario de Noticias*:

Sabemos que em vários jardins particulares de Lisboa se está introduzindo, em escala apreciavel, a cultura da batata.

Ha muito que nos paises beligerantes, a começar pela Alemanha desde a primeira hora da guerra, se procura aproveitar cada palmo de terreno nacional para as culturas alimentares.

Entre nós muito pouca ou nenhuma propaganda se tem feito para conseguir o resultado desejado.

As câmaras municipais, apesar da carestia do papel, não fariam um gasto inutil enchendo as ruas de cartazes a lembrar aos proprietarios essa sua obrigação de não sobrecarregarem a produção estranha quando tenham em mãos os elementos indispensaveis para a dispensar.

De resto, a câmara municipal de Lisboa devia, desde a primeira hora em que se intensificou a guerra submarina, pelo menos, dar o exemplo nos seus jardins e terrenos.

E' um dever que deve ser apresentado como um verdadeiro ponto de honra.

O autor das justissimas considerações que aí ficam, deve, em primeiro logar, torna-las extensivas ao govêrno; ao govêrno, que na mais criminosa e cruel indiferença não proíbe, por absoluto, a plantação da chicoria que está ocupando, com tão gráve prejuizo para a familia portuguêsa, hectares e hectares de terreno, que bem produziria o milho, o trigo e a batata.

Os protestos aqui registados, repetem-se por toda a parte, mas o govêrno é... de pedra, até vêr.

Francisco V. da Costa

Ao cabo de sete anos de permanencia em Loanda, Africa Ocidental, regressou á sua querida Aveiro onde, no sábado, tivémos o inefavel prazer de o cingir num grande e apertado abraço, o nosso conterraneo e muito presado amigo, Francisco Vieira da Costa.

Acompanhado de sua dedicada esposa e interessantes filhinhos, Francisco Costa vem ainda o mesmo rapaz de genio expansivo que toda a cidade conheceu aqui ha 25 anos atraz, sendo para notar que nem o tempo o envelheceu, nem as canceiras da vida, nem os desgostos porque tem passado, muitos deles devido á sua extrema, inegualavel bondade, lhe alteraram o espirito, a graça, o bom humor que foi sempre a sua principal caracteristica.

Saudando o distinto aveirense pela sua feliz chegada e ainda pela grande satisfação de que deve estar possuido com a presença daquela que lhe deu o sêr, que ele tanto estima, a quem tanto quer—se é a sua bôa, carinhosa mãe!—só desejaremos que por cá se conserve, pois cidadãos como Francisco Costa, da sua tempera e com sentimentos eguais, imprimem carater em toda a parte onde se encontrem.

O problema económico

—(*)—

A productibilidade do trabalho nacional é inferior á taxa da productibilidade de trabalho dos outros povos

A solução do problema economico entre nós depende, acima de tudo, de uma maior produtividade do trabalho nacional. O povo português, activo e laborioso, não dispõe de meios de trabalho que tornem suficientemente produtivo o esforço dispendido, já porque os processos usados são os mais rotineiros, já porque a sua educação tecnica é nula ou dificiente, já porque as aptidões se não selecionam.

Em Portugal trabalha-se, luta-se tenazmente pela vida, sem olhar a sacrificios, numa aspiração constante e sempre insatisfeita de desafogo e independencia, mas poucos conseguem pelo seu trabalho conquistar uma situação economica rasoavel, porque a soma de trabalho produzido é menor do que a de outros povos, e a paga desse trabalho é igualmente inferior. E' assim que, sendo a taxa da nossa população activa muito aproximada da taxa da população activa da Inglaterra, da Alemanha e dos Estados-Unidos, nestes paises o valor do trabalho é muito superior, devido ao desenvolvimento do ensino tecnico e do espirito associativo, e ainda porque o emprego de maquinismos aperfeiçoados permite aos homens apresentar mais e melhor obra.

Uma tal pobreza de metodos de trabalho reflete-se evidentemente na economia geral do país, e, se queremos libertar-nos do *deficit* crescente da produção, que é sintoma grave da decadencia dum povo, temos que olhar todos, muito a sério, para este problema capital, que exige resoluções rapidas, energicas e inteligentes.

O desiquilibrio financeiro de que padecemos, e que entrava todo o progresso, desaparecerá como por encanto quando todos nós trabalharmos, ou podermos trabalhar em boas condições, produzindo em igualdade de circunstancias com os outros paises. Sobretudo no que respeita á agricultura, o rendimento nacional é, em face dos outros povos, verdadeiramente desanimador, pois que, em vez de aumentar, tende a decrescer. A taxa da população agricola activa em 1890 era de 305 por mil e em 1911 tinha descido para 242.

O resultado desta falta de produtibilidade do trabalho nacional, devido em grande parte ao abandono das terras pelos emigrantes, é que a nossa importação cresce assustadoramente enquanto que a nossa exportação não sóbe na proporção devida, pois o ideal seria que a exportação aumentasse rapidamente e as necessidades de importação fôssem cada vez menores. Dá-se o contrario, porêm, e assim, a importação, que em 1891 foi de 39:500 contos, em 1913 estava já em 89:941, ou seja um aumento de 10:432 contos em 22 anos. Por outro lado, a exportação, que poderia ter-se desenvolvido muito, sobretudo para o Brazil, acusa uma ascensão lenta que vai de 21:379 contos, em 1891, a 36:684 contos em 1913, ou seja um aumento de 15:305 contos. Conjugando os numeros relativos á importação e exportação de cada uma destas datas, vêmos que o *deficit* comercial, que em 1891 era de 18:130 contos (diferença entre 39:509 e 21:379), era em 1913 de 53:257 contos (diferença entre 89:941 e 36:684). A importação aumentou, pois, 68 % e o *deficit* 77 %!

Devido á guerra, em 1914 a importação e a exportação baixaram, respectivamente, para 70:343 e 28:848 contos, ou seja, tambem respectivamente, menos 19:598 e 7:836 contos do que no ano anterior. O *deficit* comercial desceu para 41:495 contos, menos 11:762 contos do que em 1913. Em 1917, com a intensificação da guerra submarina, que obrigou o pais a limitar ao minimo as vendas e as compras, a balança comercial deve terse equilibrado, a avaliar pelo que se passa no porto de Lisboa, onde ha actualmente um saldo positivo de 3:000 contos de exportação sobre o total da importação.

Trata-se, porêm, dum caso anormal. Acabada a guerra, as razões de economia de compras no estrangeiro desaparece e a saída do ouro aumenta rapidamente para pagar os produtos importados que hoje nos faltam. Se não crearmos novos mercados, se não alargarmos os existentes, se permitirmos a perda destes, que é uma ameaça constante sobre o nosso comercio e a nossa industria, a exportação não aumentará na proporção necessaria, e o desiquilibrio financeiro acentuar-se-ha, acarretando enormes prejuizos e complicações.

Bem sabemos que o organismo social descobre maneiras de, até certo ponto, corrigir estas diferenças: a remessa de cambiaes do Brazil, que antes da guerra andava por 20:000 contos anuaes, é um dos melhores reagentes contra o *deficit* nacional de ouro.

Mas se a emigração é, por esta razão, um beneficio, melhor beneficio seria que esses milhares de braços que abandonam a patria podessem aqui exercer com vantagem a sua actividade, creando riqueza estavel, riqueza geral, porque o dinheiro vindo do Brazil não é, sob o ponto de vista nacional, uma fonte de riqueza, para o país, mas um paliativo que supre até certo ponto a deficiencia do ouro.

Para fixar esses portuguêses que emigram no solo patrio, é preciso que se lhes dê condições de vida desafogada, e isto só se obtem pelo trabalho productor, seguindo-se processos aperfeiçoados, preparando-se a competencia tecnica em escolas práticas modernas, desenvolvendo-se o espirito associativo, fazendo-se uma activa propaganda patriotica. A emigração só se compreende em paises cujo excesso de população torna dificil a procura de trabalho, mas Portugal não sofre desta abundancia de braços, antes pelo contrario: a area não cultivada é enorme e tudo indica que os homens que deixam o país para irem lá fóra procurar meios de vida, deveriam de preferencia empregar o seu esforço em tornar produtivo o solo nacional desprezado.

N. G.

UM ARTISTA...

Por estar averiguado ter sido o autor do ultimo roubo feito no estabelecimento de calçado do sr. José Migueis Picado, á rua 5 de Outubro, encontrava-se preso num dos calabouços da esquadra policial, Fernando dos Santos, que, pelos modos, deve vir a ser um *artista* de mão cheia.

Passaro já ele é, pois que tête artes de se *pirar* da gaiola, onde o enclausuraram, sem licença, demonstrando pelos processos que empregou que não só se encontrava habilitado para a visita noturna ao sr. Migueis, mas tambem para quantas mais lhe apetecesse em egualdade de circunstancias, com *cabedais* á vista...

Bôas tendencias revéla o filho da *Joana da Lã*, não ha duvida.

Aplaudimos

Parece que está definitivamente resolvido a expropriação, pela Câmara, das duas casas que fazem frente para as ruas dos Mercadores e Domingos Carrancho, obra importantissima já advogada nas colunas deste jornal e que muito folgaremos vêr realisada dentro em bréve pela vereação a que preside o snr. dr. Lourenço Peixinho.

Os predios são pertença dos herdeiros dos srs. Antonio da Costa e Manuel Marques e com o seu desaparecimento lucram os moradores do local, lucra a higiene, lucra a moral publica e lucraria até o proprio S. Pedro se ainda estivesse perfilado no seu nicho da esquina fronteira.

Pelo que muitas vezes era obrigado a vêr...

INCITAMENTO PATRIOTICO

—(*)—

Nos envolucros dos cigarros que a academia micaelense enviou aos nossos soldados que se acham combatendo em França, lê-se o seguinte:

Aos soldados portuguêses em combate

A vossa e nossa Patria não póde morrer:—tem ja feita na terra a sua Iliada de triunfos e no mar a sua Odysséa de glorias. Só ela soube senhorear a Asia, tornear a Africa, aportar á America, desvelar a India e circumnavegar o mundo, que para as suas aspirações o encontrou pequeno de mais... Teve um rei como D. João I, um magnate como Nun'Alvares, um letrado como Pinto Ribeiro, uma plebêa como Brites de Almeida, uma fidalga como Filipa de Vilhena... Uma Patria assim não póde morrer. A sua historia, descompassada e unica está cinzelada com rarissimos diamantes nos marmores seculares dos nossos monumentos:—a Batalha, os Jeronimos... que ao tempo que tudo róe não é dado apagar... São monumentos mudos e gélidos, mas, como clarins de oiro falam da epopêa do passado, e neles se vê palpitar toda a velha alma do soldado português, que soube fazer dos braços alavancas, dos dentes punhaes, do peito couraça e até dos cadaveres trincheiras...

Uma Patria que assim foi não póde morrer...

* * *

Vós—Soldados portuguêses—que agora, longe dos carinhos de vossas mães e dos sorrisos de vossas noivas, em sólo estranho, bateis denodadamente o inimigo, continuai a manter as tradições gloriosas da vossa e nossa Patria, sustentando a rigor toda a força de vossas convicções e toda a firmeza de vossos sentimentos.

O vosso esperado triunfo será mais uma joia, que virá engastar-se na nossa historia, cujas letras tem a longitude do planeta e cujas folhas teem a altitude dos astros...

No fumo branco que sair destes cigarros o vosso espirito de aguerrido soldado, queira vêr uma lembrança da Patria, que aflita e anciosa vos espera, para na vossa fronte tostada pelo ardentia da polvora, depôr um escaldante osculo de agradecimento e de gratidão...

Ponta Delgada — Ano IV da Guerra—Outubro 26.

Padre Ledo de Bettencourt

Leitura quaresmal

FREI BONIFACIO

Bonifacio Mendes, casado, de 48 anos, curto de intendimento, tronchudo de carnes como o escudeiro Sancho, vivia por volta de 1780 na Azueira, era de sua profissão almocreve, e fazia a recovagem entre Torres Vedras e a côrte.

Um dia, sentado no albardão mourisco da burra, pensou com Deus e consigo que, se cortasse a direito pela tapada de Mafra, encontraria caminho. Obtida licença do guardião do convento e do intendente do Paço, Bonifacio Mendes, inundado de beatitude e de sol, um barrete verde, de orelhas, enfiado na cabeça, as pernas tortas apresilhadas numas polainas de saragoça de varas, abriu a cancela, tornou a montar na cavalgadura, e, ao chouto dançado das esquilas de cobre, na sésta mais ardente de todo aquele agosto pagão, lá meteu, risonho e pacifico, pelas brenhas da tapada real. Não andou muito tempo que não visse, acocorados em volta duma toalha branca, na mais viçosa e copada das sombras, tres frades moços merendando.

—Salve-os Deus, meus padres!

Os arrabidos, afogueados da merenda, com o chióte remangado a mostrar a polpa gadelhuda dos braços, olharam o almocreve, cuidaram um instante que o proprio Sileno, obeso e coroado de pampanos, vinha assistir á bacanal de aquela tarde doirada, saltaram, deitaram mão ao cabresto da azêmola, rodearam o homem, botaram-no do albardão abaixo, meteram-lhe nas mãos uma tarrada espumante de vinho novo, e não largaram mais o pobre recoveiro da Azueira, que ria como uma pascoa, enquanto o não viram caido de bebado, a rebolar-se na relva, abraçado á burra, qual de baixo, qual de cima. Mas ia caindo a noite, os frades tinham de recolher para vesperas, e foi preciso decidir o que havia de fazer-se ao almocreve: se deixa-lo a roncar de borco na terra, com os chocalhos ao pescoço e os ceirões de esparto ás costas, se alberga-lo por caridade no convento. Venceu o alvitre mais cristão, e enquanto um dos arrabidos conduzia a alimária, os outros dois levaram em charola Bonifacio Mendes e deitaram-no em cima duma manta, num dos escanos da portaria.

Tres franciscanos juntos—já o dizia Frei Apolinario da Conceição—são a imagem do mesmo diabo.

Noite andada, depois de matinas—de que haviam os frades de se lembrar?—foram-se ao almocreve que dormia no melhor do seu sono, raparam-lhe a cara, abriram-lhe o cercilio com todo o escrupulo da regra na tonsura franciscana, despiram-no, descalçaram-no, ataram-lhe umas sandalias, enfiaram-lhe umas bragas de estopa, um habito de arrabido, puzeram-lhe á cinta umas camandulas e uma corda de nós, levaram-no para a cela dum padre velho que saíra a ares, deitaram-no nas cortiças do catre, fecharam-lhe a porta — e combinaram os tres vir acorda-lo na manhã seguinte, antes do refeitorio, para vêr o que faria o triste patêgo da Azueira quando se visse transformado em Frei Bonifacio.

Se bem foi dito, melhor foi feito.

Ao outro dia, na volta do côro, depois da hora de prima, os tres frades entraram na cela do recoveiro, ferrado ainda no sono, cantaram-lhe uma antifona aos ouvidos em vozes atroadoras, sacudiram-no—e acabaram por acordar aquela formidavel massa de estupidez e de vinho que roncava dentro de um chiote de S. Francisco.

Bonifacio Mendes assentou-se de repelão, encarou os frades, esfregou os olhos, palpou-se e sentiu a estamenha do habito, deitou as mãos á cabeça e encontrou-a rapada á navalha, saltou da cama e viu os pés nús abroxados em sandalias de frade, desatou a berrar aqui-d'el-rei, a chamar como um possesso pela mulher e pela burra, a escabujar em tão fortes gritos, que os padres temeram que o escandalo chegasse ao guardião e ao mestre de noviços.

— Mas Vossa Paternidade que tem?—perguntavam-lhe os arrabidos, rodeando-o.

—Qual Paternidade, nem qual diabo! Eu sou o recoveiro da Azueira, vou para Loures e quero a minha burra!

—Então Vossa Paternidade não vê que é o reverendo vigario do mosteiro?

—E' que me trocaram enquanto eu dormia! Que eu ontem era almocreve, a minha mulher é Ana Lourença, e quero já para aqui a cavalgadura que me furtaram!

Dois leigos da cosinha, industriados pelos tres frades, assomaram á porta com um tanho de assorda cheirosa, uma infusa de vinho e uma escudela de pêcegos de Alcobaça. Tão respeitosamente se curvaram diante dele, com tanta veneração o serviram, com tanta gravidade lhe entregaram um papel dobrado e empastado de obreias, dizendo-lhe que era uma carta de Sua Magestade, que o bom do almocreve principiou a tomar a parte a sério, a sentir-se bem no habito, a achar aquilo uma santa vida regalada de mimos, a aceitar quasi sem esforço a ideia de que se metera frade, a ter inclusivamente duvidas sobre se o recoveiro estremenho que ele conhecera era outro ou era ele proprio—e o seu estado de consciencia tornou-se de tal modo confuso que, quando um dos arrabidos, perdido de riso, lhe entregou um breviario para o côro, Bonifacio Mendes não poude conter-se que não dissese:

—Vossas mercês deixem-me ir primeiro á Azueira perguntar á minha mulher quem eu sou. Ela conhece-me melhor do que as pulgas da minha cama. Se eu não fôr quem cuido, bem está; agora se ela disser que sou eu—com o perdão de Vossas Reverencias, já cá não volto.

Veio da estrebaria do convento a burra do almocreve, que os frades tinham mandado caiar de branco, amantada e arreada de atafaes velhos, e Bonifacio Mendas, com um alforge de franciscano e as aparcas de bezerro ás costas, lá foi, na raçada do sol, a caminho da Azueira, entre os frouxos de riso dos tres padres. Logo que chegou, por chafurdeiros e barrocas, ao quinteiro viçoso da casa onde morava, e viu Ana Lourença, descuidada, carnaçuda, fresca, com o seu colete de serafina encarnada e a sua saia curta de estamenha, apanhando da terra a bosta dos bois, deitou-se abaixo da cavalgadura e atirou-se aos beijos á mulher.

Foi o fim do mundo!

A Lourença, que tinha o coração ao pé da bôca e era mulher de boas contas em virtude, assim que se viu agarrada por um frade, regaçou dum estadulho, foi-se a ele, deu-lhe tanta pancada que lhe esmocou a cabeça, e se lho não tiram das mãos ainda o acabava com uma foice roçadoura, porque não houve convence-la de que era o marido.

—E' que não sou eu—concluiu resignadamente o recoveiro, deitando a alforjada ás costas e arripiando caminho para o convento.

Bonifacio Mendes chegou a Mafra pela noite, convencido de que era, de facto, o reverendo vigario da casa, apresentou-se ao prelado que o recebeu, primeiro com indignação, depois com caridade e, treze mezes andados, o pobre almocreve tomava, perante os frades compungidos, o habito da provincia da Arrabida, em cuja mortalha veio a morrer, trinta anos depois, em cheiro de santidade.

Julio Dantas

NECROLOGIA

Faleceu a semana passada em Mogofôres, o sr. José Bernardo, natural desta cidade, irmão do sr. David Bernardo e como ele chefe duma estação do caminho de ferro.

• Sentindo, enviâmos á familia enlutada o nosso cartão de condolencias.

PELA IMPRENSA

"A Aguia,,

Saíram os n.os 73 e 74, correspondentes a janeiro e fevereiro do corrente ano, o que o mesmo é dizer que continua a impôr-se pela sua primorosa colaboração, tanto literaria como artistica, o excelente orgão da *Renascença Portuguêsa.*

Eis o sumario:-

LITERATURA—De Roca ao Norte (Caminha e Brasil) — *Luciano Pereira da Silva.* (Musica e uma vinheta). Em frente á morte—Sonetos de *Augusto Casimiro.* Provincianismos usados em Monção—*Antonio de Pinho.* Sombra—Soneto de *Mario Beirão*, Os Novos Tempos e a sua Literatura: A mobilisação alemã em Bayreuth; O Bemfeitor; Os cantos de guerra alemães; O Trem vermelho; O Fidalgote—Trad. de *Antonio Arroio.* Sonetos de *Luiz Cardim.* Notas etimológicas—*José Teixeira Rego.* ARTE—Musicos Portuguêses—I)—Tomé de Tavora e Abreu—*D. Miguel Soto Maior.* O Museu de Grão Vasco—II)—*Aarão de Lacerda.* Retrato—de *Zeferino do Couto* (Ilustr.). Nú—de *Virgilio Maurício* (Ilustr.) — de *J. Lopes.* Renascença Portuguêsa—Projecto de *Carlos de Sousa.* SCIENCIA, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL—Colonisação, Climas e Linguas—XIII)—*Afonso Cordeiro.* NOTAS E COMENTARIOS—Renascença Portuguêsa. BIBIOGRAFIA—*Phileas Lebesgue, M. F., A. S.* e da Redacção.

Notas mundanas

Com a sr.ª D. Belmira Fernandes Cardoso, filha dilecta do falecido capitalista sr. Domingos Fernandes Cardoso e enteada estremosa da sr.ª D. Ermelinda de Melo Cardoso, uniu-se na segunda-feira pelos laços do matrimonio o nosso estimavel amigo, sr. Antonio Dias Pereira Junior, ha pouco chegado de Manáus, E. U. do Brazil.

O acto do registo civil têve logar na magnifica vivenda que a familia Cardoso possue na antiga estrada dos Alamos, realisando se a cerimonia religiosa, pelas 11 horas, na igreja parochial de S. Domingos onde os noivos foram acompanhados pelas sr.as D. Ermelinda de Melo Cardoso, D. Alda de Melo Cardoso Couceiro, D. Dulce Soares Teixeira Lopes, D. Lucilia Soares Teixeira Lopes, D. Maria do Carmo Alves Ribeiro, D. Hiliodora Marques, D. Diolinda Marques e D. Norbinda Melo e pelos srs. dr. Joaquim de Melo Freitas, João Bernardo Ribeiro Junior, José de Melo Cardoso, dr. Eugenio Couceiro, Antonio Marques Ribeiro, Manuel Pereira da Silva e Arnaldo Ribeiro.

No regresso ao chalet da sr.ª D. Ermelinda Cardoso, em cujo jardim os noivos foram cobertos de petalas de flôres, têve logar um opiparo almoço a que assistiram todos os convidados, iniciando, ao champagne, a série dos brindes o sr. dr. Melo Freitas, que pôz em relevo as qualidades da noiva, senhora de primorosa educação, excelentes virtudes e fino trato a quem, decerto, está reservado um ridente futuro pelo qual ergue a sua taça, bebendo pela eterna felicidade do novo lar.

Arnaldo Ribeiro traça, por sua vez, o perfil do noivo, que conhece ha muitos anos, vendo-o distinguir-se por um conjunto de predicados de tanta valia para a dignificação do seu caracter, que não põe duvida em vaticinar tambem um risonho porvir ao ditoso par cujas nupcias se celebravam no meio de tão expansiva alegria e inequivoca cordealidade. Brindando-o, faz os mais sincêros votos pela sua felicidade.

Outras saudações se levantaram ainda de diferentes pontos da mêsa, ornamentada a capricho e onde se viam dispostas as mais finas iguarias, saudações de que compartilharam, egualmente, a sr.ª D. Ermelinda Cardoso e estremosos filhos, findando o banquête quando se notou que eram horas do rapido, *comboio em que os noivos, a quem foram oferecidas muitas e valiosas prendas, embarcaram para o Bussaco afim de passarem a lua de mel.*

Oxalá a felicidade os não abandone nunca.

✠ *Regressou de Lisboa á sua casa de Lourosa, Vila da Feira, o sr. Vitorino Gomes de Freitas, nosso presado amigo.*

✠ *De visita a sua familia veio a Esgueira, donde é natural, o sr. José Mateus Farto.*

✠ *Acha-se quasi restabelecido do encomodo porque ultimamente passou o zeloso empregado dos correios, sr. João Augusto Rosa.*

✠ *Com curta demora esteve nesta cidade o sr. David Bernardo, digno empregado superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses.*

Uma tragedia?

O chefe da estação do caminho de ferro desta cidade, sr. Aurelio de Souza Vasconcelos, apresentou-se no sabado á policia do Porto a comunicar-lhe que seu filho, Carlos de Vasconcelos, de 21 anos, factor de 3.ª classe, tambem ao serviço aqui, desaparecera no dia 6 sem que nos que se lhe seguiram tornasse a saber-se dele.

No dia 9, porêm, recebeu o sr. Aurelio uma carta, pela ambulancia do Minho, em que o filho dava parte duma tragedia prestes a desenrolar-se. A'quela data já estaria morto, tendo sido vitima duma cilada. O seu corpo enterra-lo-iam num cemiterio não determinado ainda. Acrescentava o desaparecido que nada mais lhe era dado pormenorisar.

A' vista do exposto, a policia pôz-se logo em campo, causando o extranho caso a maior impressão ao ser relatado, nas suas linhas de misterio e de fatalidade, pelo pae aflito.

Do que se tratará?

CALENDARIOS

Do sr. Baptista Moreira, agente em Aveiro e inspector no districto da acreditada companhia de seguros *Prosperidade* recebemos um calendario para o corrente ano, dos que são distribuidos em todo o país, e assim tambem outro do sr. Manuel Vicente Ferreira, representante da *Mutual do Norte*, que, reconhecidos, agradecemos.

Na quaresma

O perdão dum pecado

Perdoar é ser benevolo e bom. E' indicio de bom caracter perdoar certos erros cometidos sem a intenção de ofender.

O pecado é uma invenção da igreja para melhor vencer ou convencer os fieis, e ainda para subjuga-los a seu modo conforme as suas conveniencias. E' uma especie de papão para torturar os espiritos fracos, susceptiveis á dominação e capricho de alguns padres pouco escrupulosos na fórma de ensinar os preceitos da religião.

O pecado é tudo que eles muito bem entendem, mas no fim de cada ano, pela quaresma, todos são perdoados. Até comer muito é um pecado, sobretudo na época actual em que a vida está pela hora da morte.

Pecado é cubiçar as cousas alheias, e tambem é pecado roubar as heranças a quem de direito elas pertencem. Nesse ponto, porêm, os padres não lhe resistem...

Caluniar tambem deve ser um grande pecado. Mas a historia diz-nos que da igreja grandes calunias se tem inventado, e eles a essas calunias não chamam pecados. Pecado, enfim, é tudo que eles querem.

Temos alêm disso os sete pecados mortais. No terceiro, que é *Luxuria*—contra ela—a castidade. Mas o que será a castidade na moral de alguns clerigos? Não são eles os maiores libedinosos na fórma de roubar á mataria o que ela tem de mais belo?

No quarto pecado a *Ira*, contra ela a paciencia. A paciencia que eles teem é deturpar a verdade e a razão das cousas, para melhor viverem no vasto campo iluminado pelas trevas da ignorancia.

No quinto pecado a *Gula*—contra ela—a temperança. A temperança no ventre *tubarino* de certos marmanjões!

No setimo pecado a *Preguiça*—contra ela—a diligencia. São eles, os ministros de Deus, que melhor diligenceiam procurar a fórma mais eficaz de vencer a humanidade, conservando-a nas trevas, na ignorancia, quasi alheiada do mundo. Arrancam segredos no confessionario, como quem força um cofre forte que guarda reliquias preciosas.

O pecado é uma invenção da igreja, que, por esta época, costuma perdoar em nome de Deus...

* * *

Entrámos na Quaresma, tempo santo, campo vasto para manobrar á vontade sob uma atmosfera de negro silencio, em que só se ouvem as corujas esvoaçando á roda dos templos.

Começam as confissões num estreito e acanhado recinto—o confissionario—e atravez duma chapa de ferro, toda esburacada, jactam-se baforadas putridas sobre rostos encantadores, bôcas divinaes, olhares brilhantes como lagrimas celestes.

E' aí que o padre pede ás donzelas o coração para levar a Nosso Senhor, contando-se por milhares os casos escandalosos que teem obrigado muitos chefes de familia a proíbirem ás esposas e ás filhas a continuação dessa anomalia.

E' aí, no confissionario, onde se arrancam segredos, que são muitas vezes verdadeiros tesouros de fé, segredos sem escrupulo, maldosamente, cinicamente com a facilidade propria do farçante que nada teme.

E' na confissão que se cometem gráves crimes espirituaes, arrastando-se á desgraça mulheres que não sabem defender-se, creaturas simples, magnanimas, incontestavelmente puras.

Lavra-se a sentença no confissionario, sem juiz nem testemunhas, pois basta uma guia para a repartição sanitaria—a comunhão—que é como quem diz, afirmação completa no perdão de uma culpa, ligada ao conjunto de ideias condensadas no calix e na hostia, com todos os preceitos da Eucaristia.

E' assim—ó pobre humanidade!—que vens sendo explorada desde tempos imemoraes, desde remotas éras, sem que até hoje te hajas amancipado!

Para quando esperas?

Lisboa, 18—II—1918.

Zulay

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 13

Ha quinze dias, fa los depois de ámanhã, que se encontra preso e incomunicavel no comissariado de policia dessa cidade o indi-

gitado autor do crime de Mamodeiro, João Gonçalves, facto que nos leva a perguntar em que lei se funda a policia para ter assim, sob a sua alçada, um preso tantos dias sem lhe ser permitido falar a pessoa alguma e—o que é mais—sem ser enviado ao poder judicial?

O caso afigura-se-nos que ainda se ha-de complicar, pois não se admite que se esteja a protelar por tão longo praso averiguações que deviam estar já concluidas afim do praso ter o devido destino legal.

Voltaremos ao assunto.

═No estabelecimento de mercearia e fazendas que nesta localidade possue, em frente á capéla de S. Tomé, a sr.ª Rufina Ferreira da Maia, preparam-se, mediante uma pequena percentagem, todas as encomendas postais que as familias dos militares pertencentes ao *C. E. P.* lhes queiram enviar, obrigando-se por sua vez a restituir a importancia delas quando não sejam entregues.

Achamos que presta um bom serviço digno de ser aproveitado.

═Pelas 21 horas de segunda-feira passou aqui em direcção ao sul uma força de cavalaria, vinda dos lados de Aveiro. Não pudémos saber o destino que levava.

═Mais uma vez foi adiado o julgamento de José Francisco Agueda, o *Calháu*, acusado do crime de ofensas corporaes, supondo muita gente, e com toda a razão, que nem á quinta irá.

Sempre agora queremos vêr...

═O Posto do Registo Civil da Oliveirinha, com séde nesta localidade, recebeu as declarações do nascimento de duas creanças, sendo uma do sexo masculino, filha legitima do sr. José Gonçalves Portuguêz a que foi dado o nome de Americo Gonçalves Vieira e outra do sexo feminino, filha de José Adriano Gonçalves Madail a que foi dado o nome de Helena Gonçalves Madail.

═Finou-se ontem na Oliveirinha a sr.ª Maria de Jesus Ferreira, de 80 anos de edade, viuva do sr. Antonio Alves Baratojo.

Era avó do sr. Manuel Alves Baratojo, um dos combatentes do exercito português em França a quem enviâmos, e á restante familia, o nosso cartão de condolencias.

═Por se ter ferido na mão esquerda quando procedia a uns trabalhos agricolas no seu quintal, têve de ser pensado no consultorio do nosso estimavel conterraneo e distinto clinico municipal, sr. dr. Abilio Marques, o bom amigo e prestimoso cidadão de Quintans, sr. João Ferreira dos Santos.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

═Choveu esta noite quasi sem interrupção o que bastante beneficio trouxe á agricultura.

C.

✠

Idem, 14

Tendo adoecido ontem de tarde, faleceu esta madrugada o sr. Manuel Ramos, rapaz ainda novo e que quer aqui quer em toda a freguesia da Oliveirinha, gosava de geraes simpatias.

O seu funeral, agora realisado, foi disso prova eloquente pelo consideravel numero de pessoas que nele se encorporou.

Pezames a toda a sua familia.

C.

✠

Vagos, 17

Faz-se presentemente nesta terra uma politica incompreensivel.

Dissolvidas as câmaras pelo movimento revolucionario de Sidonio Pais, em Vagos ficaram os mesmos elementos que haviam sido eleitos nas ultimas eleições administrativas, não obstante pertencerem ao partido evolucionista.

Singular já se nos apresenta esta circunstancia, porque a revolução de 5 de Dezembro foi feita contra a União Sagrada e portanto atingiu tambem o partido do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Não déram peso a este facto os evolucionistas deste concelho, máu grado a orientação do seu orgão, o *Concelho de Vagos*, onde o seu director, sr. Edmundo Martins Rosa, tem escrito artigos de absoluto e incondicional aplauso á politica do sr. Antonio José de Almeida, artigos esses a que por vezes se tem referido a *Republica*.

Diz isto respeito á coerencia e á disciplina dos evolucionistas locais, coisas essas que nada nos interessam, pois nós pretendemos apenas anotar o facto de a Comissão Administrativa de Vagos, presidida pelo esforçado campeão do evolucionismo, o sr. Edmundo Rosa, ter impelicado com o ilustre medico do partido de Ouca, dr. Antonio de Oliveira, o qual pretendem exonerar para que no seu logar fique um seu colêga, a quem ainda não ouvimos fazer um unico elogio.

Sabemos que a Comissão Administrativa, depois de pretender vexar este dedicadissimo republicano com continuos oficios, onde lhe fazem perguntas capciosas e mesmo indelicadas, pensa em cometer para com ele esta prepotencia, que os tribunais depois terão de julgar na sua serena e imparcial justiça.

Ao sr. Edmundo Rosa, de cuja sinceridade politica a ninguem é licito duvidar, enquanto escrever artigos, como aquele intitulado—*Sigamo lo*—de absoluta solidariedade com o sr. dr. Antonio José de Almeida, diremos que certo monarquico anda ha já algum tempo a querer negociar (é o termo) os seus correligionarios com o sr. Egas Moniz.

Esteja portanto de sobre aviso, porque, mais dia menos dia, os seus partidarios passam da periferia para o centro, e o sr. Rosa poderá então dizer, como o outro:

Neste logar solitario
etc., etc., etc., etc.,

C.

✠

Alquerubim, 6

(Retardada)

Faleceu ontem nesta freguesia, com 105 anos, a snr.ª Joana Canaria. Ainda ha pouco conservava as suas faculdades mentaes e enfiava uma agulha sem auxilio de oculos.

Bonita idade.

—— O milho já aqui atingiu o preço de 2$90 cada medida de 20 litros.

—— Continuam cada vez mais caros os géneros de primeira necessidade, sem que se tomem providencias para afastar a fome das classes pobres.

—— Tem caído grandes camadas de neve que tem prejudicado as batatas já nascidas.

C.

CAMARA MUNICIPAL
DE
OLIVEIRA DE AZEMEIS

Concurso

A Comissão Administrativa da Câmara Municipaal de Oliveira de Azemeis, fáz público que abre concurso por espaço de 30 dias a contar da segunda publicação, para provimento do 3.º logar de amanuense da secretaria da Câmara com o ordenado anual de 240$00.

Os concorrentes devem apresentar dentro do referido praso os documentos exigidos por lei.

Oliveira de Azemeis, 7 de Março de 1918.

O Presidente da Comissão,

Anibal Belêza

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . 6 centavos
Comunicados . . 4 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.